

Referências fundamentais da pesquisa em Economia Criativa no Brasil: da perspectiva histórica às teorias brasileiras e suas influências - estudo bibliométrico ^{1*}

Beatriz Chaves ¹

Florence Dravet²

Gabriela Pereira de Sousa³

Maria Eduarda Álvares Zaranza⁴

Pedro Mendes Borges⁵

Este artigo tem por objetivo analisar as referências bibliográficas listadas nas pesquisas em economia criativa da pós-graduação brasileira e apresentar os resultados de um estudo bibliométrico desses dados. Foram consideradas 273 teses e dissertações indexadas nas bases de dados IBICT e CAPES e recuperadas em uma revisão de escopo. Foram extraídas e tabuladas manualmente as referências de cada trabalho, resultando em 17.444 registros bibliográficos. Com a análise dos dados através da bibliometria, foram identificados os 15 autores e os 15 títulos mais citados. Como resultado, além da apresentação das referências mais relevantes no tema para otimizar pesquisas futuras, constatou-se a coexistência de referências internacionais que deram origem à noção de economia criativa como o livro seminal de Howkins e os relatórios da UNCTAD, junto de referências nacionais que refletem as tentativas de, durante os primeiros 15 anos do século XXI no Brasil, trabalhar com a noção de economia da cultura. Outra conclusão relevante que merece destaque é a presença forte de Ana Carla Fonseca, mulher brasileira cujo conhecimento e dedicação à economia criativa tem reconhecido mérito. Por fim, destacam-se algumas obras fundamentais de autores como Bourdieu, Castells e Bardin cuja influência tem razões específicas, de ordem metodológica ou sociológica.

Palavras-chave: Economia criativa; Cultura; Comunicação; Referências; Análise bibliométrica.

Fundamental references of research in Creative Economy in Brazil: from the historical perspective to Brazilian theories and their influences - bibliometric study

This article aims to analyze the bibliographic references listed on the researches in the Brazilian pos graduation on creative economy and shows the results of a bibliometric analysis of these data. We considered 273 theses and dissertations indexed in the IBICT or CAPES databases and retrieved in a scoping review. The references of each work were manually extracted and tabulated, resulting in 17,444 bibliographic records. With the analysis of data through bibliometrics, the 15 authors and the 15 most cited titles were identified. As a result, in addition to presenting the most relevant references on the subject to optimize future research, it was found the co-existence of international references that gave rise to the notion of creative economy, such as the seminal book by Howkins and the UNCTAD reports, together with references that reflect the attempts, during the first 15 years of the 21st century in Brazil, to work with the economy of culture notion. Another relevant conclusion that deserves to be highlighted is the strong presence of Ana Carla Fonseca, a Brazilian woman whose knowledge and dedication to the creative economy has recognized merit. Finally, some fundamental works by authors such as Bourdieu, Castells and Bardin stand out, whose influence has specific reasons, of a methodological or sociological nature.

Keywords: Creative economy; Culture; Communication; References; Bibliometric analysis.

* Texto anteriormente intitulado "Referências que fundamentam a pesquisa em economia criativa no Brasil", apresentado ao II Congresso Ibero-Americano Interdisciplinar de Economia Criativa – CIIEC, realizado em Novo Hamburgo, FEEVALE, de 22 a 25 de novembro de 2022.

¹ Universidade Católica de Brasília – UCB. Mestranda. E-mail: delimabeatrizch@gmail.com.

² Universidade Católica de Brasília – UCB. Doutora. E-mail: flormd@gmail.com.

³ Universidade Católica de Brasília – UCB. Graduanda. E-mail: gabrielapereirajor@gmail.com

⁴ Universidade Católica de Brasília – UCB. Graduanda. E-mail: eduarda.zaranza@gmail.com

⁵ Universidade Católica de Brasília – UCB. Graduando. E-mail: wtfmendesito@gmail.com.

Introdução

A economia criativa é um campo de estudo recente e ainda em formação. Constitui-se entre o final do século XX e começo do século XXI como uma associação entre economia, cultura e criatividade em articulação com o desenvolvimento de determinadas regiões, cidades ou países. Algumas definições sobre o tema vêm sendo reconhecidas e referenciadas repetidamente em publicações acadêmicas e documentos institucionais. É o caso do conceito apresentado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) que descreve a economia criativa como “(...) um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento com uma dimensão de desenvolvimento e ligações transversais a níveis macro e micro à economia global” (UNCTAD, 2012, p.10).

Outra definição complementar é apresentada por John Howkins em seu livro “Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias”. O autor considera que a economia criativa engloba atividades que resultam “(...) de indivíduos exercitando a sua imaginação e explorando (ou evitando que outros explorem) seu valor econômico.” (HOWKINS, 2001, p.7). São englobados dessa forma processos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços permeados pela criatividade - matéria-prima intangível, diferente das valorizadas economicamente nos séculos anteriores.

Nesse sentido, os primeiros registros da aproximação entre criatividade e atividades econômicas datam de 1994 na Austrália, com as políticas públicas e ideias apresentadas no documento “Creative Nation: commonwealth cultural policy”⁶. Depois disso, em 1997, o partido trabalhista da Inglaterra criou uma força tarefa focada no mapeamento e desenvolvimento das indústrias criativas como aliadas no desenvolvimento econômico e social do país. Sob esse aspecto, a UNESCO (2015) afirma que as atividades que orbitam a economia criativa são responsáveis por cerca de 3% do PIB (Produto Interno Bruto)⁷ mundial, além de movimentar mais de 2 bilhões de dólares por ano, valor que corresponde a toda indústria automotiva da Europa, Japão e Estados Unidos. Além disso, a organização afirma que a economia criativa é responsável pela geração de cerca de 30 milhões de empregos, representando um importante motor econômico e social.

O termo economia criativa é antecedido, acompanhado e às vezes confundido com o conceito de indústrias criativas que por sua vez emerge de desdobramentos das indústrias culturais, apresentadas por Adorno e Horkheimer em 1947. John Hartley, pesquisador australiano que investigou o tema a partir de sua formação no campo das ciências culturais, defende que “a ideia de indústrias criativas busca descrever a convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com indústrias culturais (escala de massa), no contexto das novas tecnologias de mídia (TICs) em uma nova economia do conhecimento, para o uso dos novos consumidores-cidadãos interativos” (HARTLEY, 2005, p.5 apud REIS, 2008, p. 21). Seu conterrâneo David Throsby, economista, definiu indústrias criativas como “produtos e serviços culturais que envolvem criatividade em sua produção, englobam certo

⁶ Disponível em: <https://catalogue.nla.gov.au/Record/1948332>. Acesso em 15/09/2022.

⁷ O documento original emprega o termo GDP (Gross Domestic Product), equivalente do PIB (Produto Interno Bruto) no Brasil.

grau de propriedade intelectual e transmitem significado simbólico.” (THROSBY, 2001, apud REIS, 2008, p. 21).

A criatividade aqui extrapola o campo exclusivamente artístico e se relaciona com diversas áreas que combinam processos criativos com outros processos industriais, como design, arquitetura, audiovisual, gastronomia, desenvolvimento de software e pesquisa. Com o passar do tempo, os interesses se direcionaram ao potencial econômico desses domínios e suas contribuições no desenvolvimento local e global.

Gradualmente, pesquisadores e instituições de diversas partes do mundo se apropriaram da discussão considerando as características de cada território estudado. Na análise de tais especificidades podem ser identificadas as vocações e desafios regionais, que representam o combustível de todo esse sistema. Nesse contexto, em junho de 2004, a cidade de São Paulo recebeu a XI Conferência Ministerial da United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). A partir desse evento, o conceito de indústrias criativas ganhou mais uma definição significativa: "um cluster de atividades que têm criatividade como um componente essencial, estão diretamente inseridas no processo industrial e sujeitas à proteção de direitos autorais". No que tange ao potencial econômico dessas práticas no Brasil, uma publicação de 2019 da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), aponta que 2,61% do PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil é referente às atividades criativas. O documento ainda destaca que em São Paulo, Rio de Janeiro e no Distrito Federal a prática encontra-se acima da média nacional, reiterando sua importância para essas regiões (FIRJAN, 2019).

Importa destacar que, no Brasil, a política do Ministério da Cultura, a partir de 2003, começou a debater de forma sistemática a dimensão econômica da cultura, criando sucessivos programas (DRAVET, MARQUES e CHAVES, 2022). Em 2011, foi criada a Secretaria de Economia Criativa cuja missão era "conduzir a formulação, a implementação e o monitoramento de políticas públicas para o desenvolvimento local e regional, priorizando o apoio e o fomento aos profissionais e aos micro e pequenos empreendimentos criativos brasileiros" (BRASIL, 2011, p. 38) que lançou o "Plano da Secretaria de Economia Criativa - Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014" (BRASIL, 2011). Amplamente influenciado pelos estudos de Celso Furtado e pelo desenvolvimentismo, o plano se baseava nos princípios da diversidade cultural, sustentabilidade, inovação e inclusão social. Seu escopo visava especialmente a produção cultural, deixando fora as criações tecnológicas como as da indústria de softwares e as inovações científicas. Em 2016, com as mudanças políticas brasileiras e a extinção do Ministério da Cultura em 2018, os direcionamentos da política de economia criativa mudaram.

O presente artigo foi elaborado no âmbito do projeto de pesquisa Panorama da Economia Criativa do Distrito Federal⁸. O objetivo geral da equipe, composta por cerca de 30 pesquisadores é, após ampla revisão de literatura, propor uma noção de economia criativa condizente com a realidade local do Distrito Federal (mas também suficientemente dinâmico

⁸ Projeto em desenvolvimento pelo grupo de pesquisa do Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília, com o apoio da Secretaria de Turismo (SETUR/DF) por demanda da Câmara de Economia Criativa da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Distrito Federal (Fecomércio/DF) e de emendas parlamentares da Câmara Legislativa do DF.

para ser adaptável a outras realidades), identificar as atividades criativas e potencialidades locais presentes na capital, além de propor estratégias e um plano de ação para a organização de polos articulados em *clusters* e em arranjos produtivos locais nas regiões administrativas do DF (KIELING; DRAVET; MARQUES, 2022). Ao longo de dois anos, o estudo busca identificar as dimensões dos mercados e suas potencialidades, além de conhecer as realidades, necessidades e os níveis de formação que os atores criativos possuem. O plano de ação a ser entregue tem a finalidade de embasar estratégias aos órgãos e administrações competentes para promover a ampliação de oportunidades e o debate sobre o tema.

A primeira de quatro etapas foi desenvolvida ao longo do primeiro semestre de 2022 e contemplou uma revisão de literatura, combinada a uma pesquisa documental, onde foram analisadas publicações regionais, nacionais e internacionais. O primeiro passo foi o levantamento e posterior análise das teses e dissertações já publicadas no Brasil sobre economia criativa (DRAVET, MARQUES, CHAVES, 2022). Um dos resultados foi a constatação de um campo inter e multidisciplinar, em construção teórica, com predominância da perspectiva administrativa. Além disso, foi possível entender quais universidades produziram mais pesquisas sobre o tema, além da distribuição temporal e identificação das abordagens temáticas mais presentes.

Em paralelo à análise dos trabalhos mencionados delineou-se outra pergunta de pesquisa, que norteia o presente artigo: quais são as principais referências bibliográficas apresentadas pelos pesquisadores brasileiros ao tratar da economia criativa em suas teses e dissertações? O que essa identificação nos informa sobre a abordagem acadêmica da economia criativa na pós-graduação e na pesquisa no Brasil? Foi realizado a partir daí um estudo bibliométrico para identificação das publicações mais citadas. Diante da recente e crescente repercussão de temas relacionados à economia criativa, o presente estudo se justifica ao facilitar o acesso de pesquisadores aos documentos e autores mais relevantes no Brasil até então.

Metodologia

A fim de identificar os principais autores e títulos citados nas referências dos trabalhos acadêmicos analisados, foram combinados alguns procedimentos metodológicos. A princípio, foi realizado um levantamento nos repositórios de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT) e da Capes. A revisão de escopo, metodologia selecionada para essa fase, é um procedimento baseado em evidências que permite oferecer bases para futuras análises e pesquisas (MACGREGOR et al., 2020). Conforme apontado pelo Joanna Briggs Institute (JBI) trata-se de uma “metodologia útil para examinar evidências emergentes quando ainda não está claro quais outras questões mais específicas podem ser postas e valorizadas” (JBI, 2015, p.6). Foram recuperados 273 trabalhos que corresponderam às buscas com as seguintes palavras-chave no título ou assunto: "economia criativa", "indústria criativa" ou "economia da cultura". A pesquisa incorporou as publicações independente da área de conhecimento e sem recorte temporal⁹.

⁹ Dados extraídos em 13/12/2021.

Não estava prevista no planejamento inicial do projeto de pesquisa a análise das referências bibliográficas mencionadas nos trabalhos das produções da pós-graduação brasileiras. O motivo era um obstáculo operacional. Algumas bases de dados internacionais, como a SCOPUS¹⁰, disponibilizam de forma organizada e automatizada a extração de dezenas de informações sobre cada um dos artigos disponíveis. O compilado de dados compreende inclusive as referências bibliográficas já organizadas para gerar redes neurais em softwares específicos para esse formato de arquivo. Esse não é o caso dos bancos de dados nacionais selecionados para esta pesquisa (IBICT e CAPES). Apesar de serem os mais representativos da produção nacional, eles apresentam apenas algumas informações básicas na exportação dos dados, como título do trabalho, nome do autor, resumo, ano de publicação e instituição. Para enfrentar essa limitação, a equipe do projeto se mobilizou para realizar manualmente a extração e posterior tabulação das referências bibliográficas dos 273 trabalhos analisados. Como metodologia para a análise das referências foi utilizada a análise bibliométrica, a fim de verificar se existem autores ou instituições que se destacam com relação à relevância dos documentos publicados sobre o tema.

Esse procedimento metodológico foi proposto por Eugene Garfield em 1955, através de um artigo publicado na revista *Science*. Consiste em um sistema que permite avaliar “a significância de uma determinada obra e seu impacto na literatura e pensamento do período” (GARFIELD, 1955, p.108-111). Diante do crescente volume de produções científicas, o autor se debruçou sobre o desafio dos pesquisadores ao procurar as fontes mais confiáveis de pesquisa e os autores com maior reputação e autoridade em cada área de conhecimento. A proposta apresentada foi um índice de citação, onde estariam dispostos os títulos dos artigos publicados em determinada base de dados acompanhados de um código numérico, que indica quantos trabalhos publicados posteriormente já se referem àquele. Esse seria um fator de impacto, que como justifica o autor “pode ser muito mais indicativo do que uma contagem absoluta do número de publicações de um cientista” (GARFIELD, 1955, p. 108-111).

O método é baseado na análise da citação (GROSS; GROSS, 1927) e propõe que, quanto mais se cita um documento, autor ou periódico, maior é sua importância em seu contexto científico. Esta concepção de Garfield proporcionou, dentre outros desdobramentos, o desenvolvimento de algoritmos como o utilizado pelo *Google* para ranquear os resultados mais relevantes em cada pesquisa realizada pelos usuários.

No tocante à execução da pesquisa e diante do volume de referências bibliográficas recuperadas, foram elencados como critério de análise apenas o título, os autores e o ano de publicação de cada documento. Posteriormente, foi utilizado o software *Power BI*¹¹ para agrupar e processar os dados coletados. Como resultados principais do presente artigo estão a identificação dos 15 autores e 15 títulos mais citados nas referências bibliográficas dos trabalhos analisados.

¹⁰ A maior base de dados de resumos e citações de literatura revisada por pares. Tem abrangência internacional.

¹¹ Programa gratuito da Microsoft focado na análise e visualização de dados. Combina uma coleção de serviços de software, aplicativos e conectores que trabalham juntos para transformar fontes de dados em informações coerentes.

Resultados

Após o processamento dos dados, as 48 teses e 225 dissertações reuniram 17.444 registros bibliográficos. Esse volume representa uma média de 63 referências por trabalho. Desta forma, foram recuperados 2.625 títulos publicados entre 1776 e 2022. Antes de entrarmos nos resultados em foco, cabe salientar que a publicação mais antiga, sete vezes referenciada no conjunto dos documentos, de 1776, é "A Riqueza das Nações" de Adam Smith, filósofo e economista escocês, um dos primeiros e principais teóricos do liberalismo econômico. Aborda a transformação e adequação do trabalho e suas consequências na sociedade do século XVIII. O autor promove o estudo da expressiva ampliação da produção quando relacionada aos séculos anteriores. O material levantado permitiria identificar dados pertinentes sobre esse tipo de referência fundamental. Todavia, mantendo o foco em nossos objetivos específicos quanto aos artigos e títulos mais citados, na Tabela 1 estão elencados os 15 autores mais referenciados, ordenados de forma decrescente a partir das menções a cada um.

Tabela 1 – Os 15 autores mais referenciados

Autor	Menções
BRASIL	296
REIS, ANA CARLA FONSECA	211
UNESCO	144
HOWKINS, JOHN	142
FLORIDA, RICHARD	122
FIRJAN	74
BOURDIEU, PIERRE	73
CASTELLS, MANUEL	73
MIGUEZ, PAULO	69
GIL, ANTONIO CARLOS	66
LANDRY, CHARLES	65
THROSBY, DAVID	58
HARTLEY, JOHN	55
FURTADO, CELSO	51
SCHUMPETER, JOSEPH ALOIS	51

fonte: elaboração própria

Foram 296 menções a documentos ou legislações publicadas pelo Governo do Brasil e seus ministérios. Dentre eles, os mais citados foram o “Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011 - 2014” e “As metas do Plano Nacional de Cultura”, ambos publicados pelo extinto Ministério da Cultura em 2011 e 2012, respectivamente. Em seguida está a autora Ana Carla Fonseca Reis, com 211 menções. Economista, administradora e doutora em Urbanismo pela USP, a autora foi pioneira nesse campo de estudo no Brasil. Acumula diversas publicações, através da sua empresa “Garimpo de Soluções”, com projetos independentes ou com parcerias como o Itaú Cultural e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Seu projeto “Dá Gosto de Ser Ribeira” foi finalista do Prêmio Jabuti¹² como primeiro plano regional de economia criativa do Brasil.

Outra referência relevante é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), uma agência especializada das Nações Unidas fundada em 1945. A UNESCO e seus órgãos, como a UNCTAD, reuniram 144 menções. Entre as organizações, aparece também a FIRJAN como importante referência para a economia criativa no Brasil. A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) é uma organização que representa 101 sindicatos patronais industriais e atua nas esferas municipal, estadual e federal; é o maior destaque brasileiro com relação à publicação de pesquisas e informações sobre indústrias criativas. Seu primeiro documento foi publicado já em 2008, não muito depois da primeira publicação da UNCTAD, em 2004. A partir daí, a FIRJAN atualizou e complementou o estudo nos anos de 2011, 2012, 2014, 2016 e 2019.

Também estão na lista outros autores brasileiros como Paulo Miguez, Celso Furtado e Antonio Carlos Gil - os dois primeiros com contribuições relacionadas à economia da cultura e desenvolvimento social conforme apresentado em introdução, e o terceiro com publicações sobre métodos e técnicas para a elaboração de projetos de pesquisa científica.

No âmbito internacional, a presença nas bibliografias do já mencionado John Howkins e seu livro basilar "Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias" vem acompanhada de outros: Richard Florida, Charles Landry, David Throsby, John Hartley e Joseph A. Schumpeter. Florida, pesquisador americano professor em Toronto, no Canadá, é responsável pelas primeiras reflexões em torno da classe trabalhadora dita "classe criativa". Concentrada nas grandes metrópoles, essa classe seria formada por artistas, músicos, trabalhadores das tecnologias, entre os quais o autor menciona a incidência de pessoas lésbicas e gays como frequente e os qualifica de "altos boêmios". A partir dessa ideia, Florida criou um índice de diversidade para identificar as cidades potencialmente mais ou menos criativas. À época (2002), o livro “The Rise of the Creative Class” foi polêmico.

O britânico Charles Landry já havia proposto o conceito de cidade criativa em 2000. Em 2008, propôs métodos de mensuração do grau de criatividade das cidades. Embora reconhecesse a necessidade de considerar o potencial orgânico de uma cidade, sugeriu um “kit de ferramentas” de procedimentos padronizados para gerar um tipo ideal de “cidade criativa” que não existe mesmo em muitos países desenvolvidos.

¹² Disponível em:

<https://www.premiojabuti.com.br/10-finalistas/?eixo=03b7f793-10a1-eb11-b1ac-002248374496&categoria=ef1a2c81-842b-e811-a837-000d3ac085f9>. Acesso em 29/09/2022.

Enquanto o austríaco Joseph A. Schumpeter é referência para a reflexão sobre o papel da inovação da economia durante a primeira metade do século XX, o australiano John Hartley é referência nos estudos culturais muito mais do que nos estudos em economia criativa. Todavia, em 2005, o autor lançou uma série de ensaios sobre as produções midiáticas novas e tradicionais, mas também produções industriais e de diferentes contextos nacionais a fim de mostrar que os conteúdos produzidos impulsionam uma economia do conhecimento. Já o também australiano David Throsby deu uma contribuição importante aos estudos em economia criativa com sua proposta dos círculos concêntricos que permitem mensurar o grau de criatividade das atividades dos diferentes setores ou domínios da economia criativa. Também o francês Pierre Bourdieu e o espanhol Manuel Castells estão entre os mais citados, embora sua contribuição aos estudos da economia criativa seja indireta.

Num segundo momento, após a seleção dos 15 autores mais citados, foram extraídos os 15 títulos mais referenciados, conforme Tabela 2. O Brasil, melhor colocado na tabela 1, tem dezenas de documentos diferentes mencionados, com uma média de 5 menções a cada um deles. Por isso, nenhum dos documentos do país figura entre os mais citados na tabela 2, onde a nota de corte foi de 23 menções. Ana Carla Fonseca, além de ser uma das autoras mais citadas, tem um livro dentre os mais mencionados, assim como Howkins, Florida, Castells, Miguez e outros. Yin teve um livro entre os mais citados (com 28 menções), mas reunindo todas as menções às suas publicações, chegamos a 49 referências ao autor. Por isso ele não aparece na tabela 1, onde a nota de corte para entrar na lista de autores mais citados foi de 51 menções.

Tabela 2 – Os 15 títulos mais referenciados

Título	Autor	Menções	Ano da primeira publicação
Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias	HOWKINS, JOHN	85	2001
A ascensão da classe criativa	FLORIDA, RICHARD	84	2002
Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento	REIS, ANA CARLA FONSECA	80	2008
Mapeamento da indústria criativa do Brasil	FIRJAN	72	2008
Análise de conteúdo	BARDIN, LAURENCE	42	1977

Economia Criativa: uma discussão preliminar	MIGUEZ, PAULO	40	2007
Creative industries	HARTLEY, JOHN	39	2005
A economia da cultura	BENHAMOU, FRANÇOISE	38	2007
Economics and culture	THROSBY, DAVID	34	2000
A sociedade em rede	CASTELLS, MANUEL	32	1996
Estudo de caso: planejamento e métodos	YIN, ROBERT K.	28	1984
Como elaborar projetos de pesquisa	GIL, ANTONIO CARLOS	25	1987
A Teoria do Desenvolvimento Econômico	SCHUMPETER, JOSEPH A.	24	1911
A Economia Criativa: um guia introdutório	NEWBIGIN, JOHN	23	2010
Creative Economy Report	UNCTAD (UNESCO)	23	2008

fonte: elaboração própria

A referência mais mencionada foi o livro “Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias”, publicado pela primeira vez em 2001, por John Howkins. As instituições que aparecem com títulos na lista de mais citadas são a FIRJAN, com o mapeamento da indústria criativa do Brasil. E a UNCTAD, com o Creative Economy Report. Ambos são relatórios publicados periodicamente desde 2008. Para os fins da presente análise, as menções às diferentes edições publicadas dos livros e relatórios foram agrupadas pelo ano da primeira publicação no idioma original.

O livro de Richard Florida, “A ascensão da classe criativa” (2002), ocupa um lugar de destaque no levantamento. Como já visto, trata-se de uma referência polêmica que despertou o interesse da crítica tanto jornalística quanto acadêmica, sobretudo por desatrelar a capacidade criativa dos indivíduos da sua formação e vinculá-la a seu estilo de vida boêmio. Vários autores apoiam essa visão, não apenas no âmbito artístico mas também no meio da criatividade tecnológica.

Não surpreende que a obra organizada por Ana Carla Fonseca esteja em terceiro lugar das obras mais citadas, com 80 menções. Trata-se de uma obra dedicada às questões específicas dos países em desenvolvimento. Enquanto as duas primeiras obras são oriundas do hemisfério norte dito desenvolvido, destaca-se em terceiro lugar uma obra que apresenta pontos de vistas africanos (a abordagem trata de vários países africanos mas se refere ao continente), latinoamericanos (Brasil, Argentina, México, Jamaica e Caribe) e asiático (Índia, China e região do Pacífico), em busca de "pontos de vistas alternativos do que hoje se entende por economia criativa" (REIS, 2008). A presença do livro "Economia da cultura" da francesa Françoise Benhamou também reflete o olhar dos pesquisadores brasileiros para a perspectiva da economia criativa que tem a cultura como fator central de desenvolvimento econômico baseado na realidade local e culturalmente significativa. O estudo "Economia criativa: uma discussão preliminar" (2007) do brasileiro Miguez vai nesse mesmo sentido. Ao lado dessas, a obra "A Sociedade em rede" (1996), de Manuel Castells, também indica o interesse pelo fenômeno mais amplo do desenvolvimento de uma economia do conhecimento favorecida pela comunicação em rede.

Já nos referimos ao livro "Creative industries" de John Hartley (2005) que figura ao lado da obra "Economics and culture" (2000) de David Throsby. Este, surpreendentemente, tem entre suas obras mais citadas a obra mais genérica de 2000 e não o artigo seminal sobre os círculos concêntricos mencionados acima. O livro "Economics and culture" desenvolve as noções gêmeas de valor econômico e cultural como princípios subjacentes para integrar os dois campos. São discutidas ideias de capital cultural e sustentabilidade, especialmente como meio de analisar os problemas particulares do patrimônio cultural, traçando paralelos com o tratamento do capital natural na economia ecológica.

Três dos títulos mais citados referem-se a obras metodológicas de Bardin, Yin e Gil, sobre os quais não nos deteremos aqui por estarem fora do nosso escopo de estudo. Destacamos apenas que a presença de Laurence Bardin e Robert Yin pode trazer um indicativo de métodos e técnicas mais presentes nas pesquisas em economia criativa, ou seja, a análise de conteúdo e o estudo de caso.

Quanto ao livro "A Economia Criativa: um guia introdutório" (2010) de John Newbigin, trata-se de uma iniciativa do British Council, cuja atuação no Brasil e na América Latina é significativa. Os trabalhos do British Council se desenvolvem sempre com base na perspectiva das indústrias criativas adotadas no Reino Unido e fornecem bases práticas para o incentivo a políticas públicas de desenvolvimento dessas atividades.

Por fim, o livro mais antigo de Joseph Schumpeter, "A Teoria do Desenvolvimento Econômico" (1911), chega aqui como uma base fundamental que dialoga com as reflexões sobre inovação que aparecem na segunda década do século XX com a aceleração evidente das transformações tecnológicas no período.

Análise dos dados

A conclusão do artigo "Perspectivas teóricas e aplicadas na pesquisa em Economia Criativa no Brasil: Revisão de escopo" (2022), já apontava para um entendimento reforçado na presente análise: a tensão entre uma abordagem liberal da economia criativa ou criatividade (perspectiva anglosaxônica) em contraponto à perspectiva desenvolvimentista

(brasileira), que considera com maior ênfase as questões sociais relacionadas à sustentabilidade dos processos econômicos desenvolvidos nas atividades criativas. Dentre os destacados nas tabelas 1 e 2, os autores e títulos em sua maioria têm uma inclinação para alguma dessas tendências identificadas.

O livro fundante de Howkins, em primeiro lugar na tabela 2, apresenta justamente, e desde o subtítulo, o argumento “Como ganhar dinheiro com ideias”. Percebe-se aqui que os pesquisadores brasileiros têm a preocupação de situar historicamente a noção de Economia Criativa e é nessa perspectiva que citam com frequência essa obra basilar australiana, mas não só: os autores britânicos, australianos e estadunidenses já comentados (Hartley, Florida, Throsby e Landry) também são retomados com frequência por terem sido fundamentais nas reflexões conduzidas pelo Reino Unido, por meio do British Council, para incentivar a indústria criativa como parte de sua política nacional de crescimento econômico. Essa preocupação parece de certa forma legítima quando se procura situar o conceito ou a noção de Economia Criativa em um trabalho científico; por outro lado, também demonstra a dependência brasileira de uma perspectiva histórica anglossaxônica, no lugar de se preocupar a buscar um conceito ou uma noção própria e adequada à realidade do país.

Nesse sentido, bem perto do livro de Howkins está Ana Carla Fonseca Reis, mulher brasileira que aborda o tema a partir do Sul Global. Inclusive, na lista de autores e títulos, Ana Carla Fonseca e Françoise Benhamou são as únicas mulheres, ambas com abordagens desenvolvimentistas. Isto merece ser comentado aqui uma vez que são poucas as presenças femininas na cena da teoria econômica. No Brasil, Ana Carla Fonseca se destaca como pioneira no assunto por vários motivos: primeiro, por ter defendido a primeira tese de doutorado sobre Economia Criativa no país; segundo, por ter tomado várias iniciativas de organização de obras de referência em que promoveu diálogos entre vários atores e representantes de países do Sul Global, em busca de valorização da diversidade e de identificação das peculiaridades que pudessem alavancar a economia criativa brasileira de uma forma equânime. Acompanhou desde a origem as discussões brasileiras feitas entre 2003 até 2016 no ministério da cultura e continuou acompanhando as iniciativas locais do país, como o lançamento do programa Territórios Criativos no Distrito Federal, entre outros.

É importante também salientar o esforço empreendido no Brasil, no período entre 2003 e 2016 (governos PT). Para Calabre (2007, p.105), a gestão do MinC na era Lula “realizou avanços significativos”, fornecendo “as condições mínimas de funcionamento para o Ministério” e inserindo “a cultura dentro da agenda política do governo”, fazendo “com que ela deixasse de ter um papel praticamente decorativo entre as políticas governamentais”. Oliveira em sua tese “A comunicação entre Economia e Cultura - Mecenato contemporâneo entre Banco do Brasil e Banco Itaú” (2022) também reforça que “O campo estava aberto para os próximos desafios: transformar esse complexo de ações em políticas que possam ter alguma garantia de continuidade nas próximas décadas” (OLIVEIRA, 2022, p. 57). No entanto, não foi isso que aconteceu. A gestão da presidente Dilma Rousseff foi marcada por uma situação econômica desastrosa que contribuiu para os argumentos contra seu mandato. Quando o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência do país após o impeachment, uma das suas primeiras ações foi transformar o MinC em secretaria e vinculá-la ao Ministério da Educação. Posteriormente, a Secretaria de Cultura mudaria duas vezes de Ministério (Cidadania e Turismo). Nesse período, os esforços para se articular e desenvolver uma política nacional de cultura e economia criativa foram interrompidos.

Chama atenção, por fim, a partir do olhar para outros autores fundamentais como Schumpeter que tratou de inovação, como Castells e Bourdieu que trataram de sociologia do conhecimento (o primeiro a partir do fenômeno da sociedade em rede, o segundo a partir da sociologia da cultura) e os demais autores que tratam de metodologia como Gil, Yin e Bardin, que um olhar mais cuidadoso para o fenômeno da arte e da cultura em si não parece preocupar os pesquisadores em Economia Criativa. Predomina a perspectiva econômica, o olhar midiático, mas não se encontram autores básicos da teoria da cultura.

Conclusão

Ainda que de forma preliminar e parcial, o estudo permitiu identificar tendências teóricas a partir das referências aos autores e suas obras; também permitiu tecer comentários críticos e fundamentar algumas reflexões úteis para pesquisas futuras sobre Economia Criativa no Brasil.

No entanto, são múltiplas as possibilidades de aprofundamento do estudo apresentado no presente artigo. Do ponto de vista metodológico, pode ser estudada, por exemplo, a melhor forma de disponibilizar não só o compilado de dados e as análises, mas também mais detalhes e insumos do processo, para que outros pesquisadores possam analisá-los a partir de suas áreas de conhecimento e seus contextos e territórios.

Ressaltamos também a importância da criação, fortalecimento e constante aperfeiçoamento tecnológico de bases de dados brasileiras, latinas e regionais. Sem viés como o idioma e com cobertura apropriada das instituições e periódicos.

A América Latina e os países da região têm claro potencial para desenvolver índices da literatura regional ou nacional. Pode-se optar pela criação de índices nacionais ou buscar a integração dos países em bases regionais exaustivas. Pensar a ciência regional em rede pressupõe pensar nos instrumentos que a retroalimentam e que fortalecem a avaliação integrada da ciência. (SANTIN; CAREGNATO, 2018, p. 61)

A principal limitação aqui encontrada está justamente relacionada à extração e tabulação manual dos mais de 17.000 registros analisados. Antes de partir para essa alternativa, o grupo de pesquisa contactou especialistas em estatística e programação, na tentativa de automatizar ao menos alguma parte desse processo. Depois de 2 meses de investigação, nenhuma das tentativas de automação foi bem sucedida. O processamento manual só foi possível graças à dedicação dos bolsistas de iniciação científica envolvidos. Dessa forma, se faz necessário salientar que o método de execução manual pode impactar na assertividade dos resultados.

Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 99-138, 1985.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa**: políticas, diretrizes e ações 2011 - 2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011. Disponível em: http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/08/livro_web2edicao.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

CALABRE, L. Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas. In: RUBIM, A. A. C.; (orgs.), A. B. **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 87-108.

DRAVET, F. MARQUES A. e CHAVES, B. Perspectivas teóricas e aplicadas na pesquisa em Economia Criativa no Brasil: Revisão de escopo, **Revista brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 19, n. 3, 2022.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Mapeamento da indústria criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2019.

GARFIELD, E. **Citation indexes for science**: a new dimension in documentation through association of ideas. *Science*, v.122, n.3159, p.108-111, 1955.

GROSS, P.L.K.; GROSS, E.M. **College libraries and chemical education**. *Science*, v.66, n.1723, p.385-389, 1927.

HOWKINS, J. **The creative economy**: how people make money from ideas. London: Penguin Books, 2001.

Joanna Briggs Institute (JBI). **Methodology for JBI Scoping Reviews** - Joanna Briggs 2015. Australia: JBI; 2015.

KIELING. DRAVET. MARQUES. **Relatório parcial do projeto Panorama da Economia Criativa do Distrito Federal**. Brasília, 2022.

MACGREGOR, S., COOPER, A., COOMBS, A. DELUCA, C. **A scoping review of co-production between researchers and journalists in research communication**. *Heliyon*, 6(9), 2020.

OLIVEIRA, A. C. N. **A comunicação entre economia e cultura**. Mecenato no Banco do Brasil e Banco Itaú. Tese de doutorado. FAC/UnB, 2022.

REIS, A. C. F. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento**. Garimpo de soluções e Itaú Cultural, 2008.

SANTIN, Dirce Maria; CAREGNATO, Sônia Elisa. **Índices de citação nacionais e regionais**: importância, experiências e perspectivas para a América Latina. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/118593>. Acesso em 10/09/2022.

UNCTAD. Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), **Relatório de economia criativa 2010** : economia criativa uma opção de desenvolvimento. Brasília : Secretaria da Economia Criativa/Minc ; São Paulo : Itaú Cultural, 2012.

UNESCO. **Cultural times**: The first global map of cultural and creative industries. 2015.